



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

COLETIVO JOVEM TAPAJÔNICO PROMOVE CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS E EDIFICA COMUNICAÇÃO PARA A “FLORESTA EM PÉ”¹

Ingrid Gomes Bassi – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Elize Mayara Oliveira – Coletivo Jovem Tapajônico e Universidade Federal do Oeste do Pará

Rodrigo Rossi Morelato – Universidade Federal do Sul da Bahia

Laura Guido – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

RESUMO

Este trabalho é um relato de pesquisa que foi desenvolvida em 2024, com o movimento agroecológico em três biomas do país. Trata-se da Rede de Comunicação Comunitária e Agroecologia, extensão universitária apoiada pelo Pulitzer Center. Neste texto focamos na atuação do Coletivo Jovem Tapajônico – CJT, na Amazônia, nas ações dialogadas com as comunidades de Terra Indígena Kumaruara no Oeste do Pará. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante (Peruzzo, 2015) da integrante da comunidade e do CJT, Elize Mayara em outubro. Além das oficinas o grupo de pesquisa/extensão tornou público os resultados num webnário na plataforma Youtube, com interação coletiva e prospectiva.

PALAVRAS-CHAVE: Coletivo Jovem Tapajônico; Povos Originários; Amazônia; Comunicação Comunitária; Agroecologia.

1 INTRODUÇÃO

Este relato é um dos resultados do projeto de extensão “Rede de Comunicação Comunitária e Agroecologia”, uma iniciativa inter-institucional (UFRJ, UNIFESSPA, UFG e UFSB) apoiada pelo Fundo Semear do Pulitzer Center on Crisis Report. Realizado em 2024, o projeto desenvolveu ações de comunicação comunitária em três biomas brasileiros – Mata Atlântica, Amazônia e Cerrado –, realizou webinários que promoveram diálogo entre conhecimentos acadêmicos e populares, produziu conteúdos em mídia alternativa e, por fim, tem gerado relatos científicos.

No bioma Amazônia, o projeto desenvolveu profundo diálogo com a Terra Indígena Kumaruara e contou com a participação do Coletivo Jovem Tapajônico. Segundo a página do instagram² do CJP, o coletivo colabora com “Jovens multiplicadores de informações ambientais,

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades e Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivojovemt看ajonico?igsh=MTl6ODZwMnpnbmxxeg==>

políticas, gênero e sexualidade, territórios e cultura nas comunidades ribeirinhas”. Nesse eixo de ação do projeto, tivemos como objetivos entender um pouco mais, a partir do diálogo direto com os grupos indígenas presentes, sobre a conservação da floresta, os desafios atuais, em especial sobre a problemática da seca extrema e o que as tradições locais já contribuem de forma permanente.

2 METODOLOGIA

Neste relato de pesquisa, nos baseamos no método da pesquisa participante de Cicília Krohling Peruzzo (2015). Foi por meio desta metodologia que enquadrámos nossos estudos, desde o gerenciamento das atividades de extensão, passando pelas práticas e vivências no território, até a finalização com o webnário, dialogando teoricamente com as discussões e resultados das ações extensionistas. Assim, é por meio deste método de pesquisa, que os atores e pesquisadores se envolvem. Segundo Peruzzo, proporciona co-vivenciar as realidades outras (Peruzzo, 2015, p.126). No nosso caso, a Elize Mayara do Coletivo Jovem Tapajônico é indígena do território Terra Indígena Kumaruara, proximidade e identidade que auxiliaram na pesquisa, em razão da confiança e também do afeto ao local.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho entende a agroecologia como ciência emergente que conjuga elementos da sustentabilidade, de movimentos sociais populares e de modos de bem-viver, como a luta pela “Floresta em pé”. Nesse sentido Raquel Paiva explica que a partir da vida comunitária “[...] tem-se a possibilidade da experimentação dos laços e vínculos entre seres humanos, entre seres humanos e o território, entre seres humanos e a natureza e entre os seres humanos e o cosmo” (2007, p.136).

Nossa perspectiva é de que a comunicação comunitária é o processo de tessitura do comum entre esses campos de conhecimento, bem como elo de conexão entre a comunidade – no nosso caso, os povos indígenas, e as pautas reivindicatórias. Tais pautas podem ser ambientais, políticas ou culturais e todas atravessam as questões de transformação social e cidadania. Assim, também trabalhamos à luz de teorias dos Direitos Humanos, como direito civil o direito de ir e vir e ter propriedade; liberdade de expressar-se. Como Direito político, o direito de ter representantes políticos e poder exercer ativismo político. Nos Direitos econômicos, sociais e culturais entra o direito à saúde, segurança, educação e bens-culturais. E mais atualmente a necessidade de exigirmos o Direito a um ambiente saudável, pensando na relação humanidade e meio ambiente. (Gallardo, 2014).

Esse último direito tem como prerrogativa a “[...] humanidade como continuidade que deve ser politicamente sustentada, por que sua existência não é espontânea nem natural ou orgânica”. (Gallardo, 2014, p.54). Os povos originários da Aldeia Solimões, onde realizamos as práticas de comunicação comunitária, reverberam historicamente esse desejo de um meio ambiente que deve ser

perservado, cuidado e cultivado, porque ele é orgânico e enseja ser observado com o afeto que requer seu existir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações do projeto foram desenvolvidas a partir das demandas já identificadas pelo movimento social amazônico, o CTJ, atuante na Terra Indígena Kumaruara. Consistiram em atividades de visavam contribuir com o processo de auto-organização dessas comunidades através de uma oficina que teve o audiovisual indígena como meio facilitador, de promoção de dialogicidade entre conhecimentos populares e acadêmicos e produção de mídias alternativas.

O primeiro eixo de ações foi realizado em outubro na Terra Indígena Kumaruara. Teve como ação prioritária uma oficina oferecida pela integrante do CJT, Elize Mayara, que foi também bolsista do projeto Rede de Comunicação Comunitária e Agroecologia. Durante um final de semana, a oficina contou com a projeção e debate de cinema indígena, passou por discussões de formato cineclubista, contou com práticas de comensalidade e também envolveram uma mística com música autoral de jovens indígenas Guarani e Kaiowá, os Brô Mc's de Mato Grosso do Sul, que compõem e cantam RAP a partir de suas experiências como povos originários.

Como forma de trazer para a realidade da comunidade, foram realizadas as seguintes questões norteadoras: Vocês se veem nesse vídeo? Qual seria uma notícia sobre vocês? Sua arte? Sua resistência? O resultado foi a produção de cada grupo de chamadas de notícias jornalísticas, como proposição de intervir nas narrativas em curso. No encerramento, do final de semana, teve a exibição de uma vídeo sobre a reportagem Pulitzer que apoio o projeto, como já mencionado na introdução. No vídeo há o conteúdo sobre a necessidade de os povos originários protagonizarem suas ações e identidades ao mundo e o impacto da conservação das florestas para o planeta.

Na semana posterior, foi realizada a segunda parte das ações do projeto: um webinar cujo tema gerador foi “Florestas e Sustentabilidade”³ Tratou-se de uma iniciativa de dialogicidade, que buscava pôr em diálogo conhecimentos populares aplicados durante a primeira etapa do projeto, os quais seriam contextualizados ou comentados à luz de uma discussão teórica-reflexiva sobre como as comunidades originárias tendem a ser privadas de direitos e diretamente impactados pelos principais desafios que os atravessam diretamente: impactos ambientais, incêndios florestais, desigualdade econômica.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W6vs52SDT5E&t=95s>. Acesso em 01 de ago. 2025.

A produção e apresentação desse webinar, bem como a redação de uma matéria para portal de mídia alternativa⁴, ficou a cargo de uma estudante de graduação da UNIFESSPA, bolsista do projeto, que pode exercitar habilidades adquiridas ao longo da graduação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto partiu de uma pesquisa-participante para desenvolver ações de extensão capazes de gerar ação, reflexão e dialogicidade. Tal percurso resgata os princípios da pesquisa-participante latino-americana, capaz de produzir conhecimento através da solidariedade; tendo na comunicação comunitária elemento central.

Referências

- GALLARDO, Hélio. **Teoria Crítica**. Matriz e possibilidade de direitos humanos. Trad. Patrícia Fernandes. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In Barros, Antonio & Duarte, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

⁴ Disponível em <https://leccufrij.wordpress.com/2024/12/18/oficinas-marcam-o-cotidiano-na-aldeia-solimo-es-santarem-pa/>. Acesso em 01 de ago. 2025.